

## Entrevista a Françoise Schein

Helena Taborda



Françoise Schein nasceu em Bruxelas e reside em Paris. Arquitecta e urbanista de formação, agora com 54 anos, é conhecida pelo seu trabalho de arte urbana em azulejo, transpondo os Direitos do Homem para vários metropolitano e cidades do mundo, das quais se inclui a estação Parque do ML (1994). Revelou-nos manter uma relação muito especial com Portugal e com o azulejo, que utilizou pela primeira vez na nossa estação e que constitui, desde então, o material de difusão dos Direitos Humanos e de interacção com a sociedade no âmbito de todos os projectos que desenvolve.

Françoise Schein transforma os "Direitos Humanos" em movimentos da vida, realiza trabalhos humanitários com pessoas desfavorecidas através da difusão da arte, inscreve a Europa nos muros, no âmbito do seu projecto com jovens estudantes que ilustram os 50 artigos da "Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia" em painéis, também estes de azulejo, espalhados por diversas cidades da Europa. Mais do que uma artista plástica, ela é defensora da democracia plena. Renasceu ao fazer a estação Parque e dificilmente se esquecerá do que de novo vivenciou com esse trabalho. "Foi uma verdadeira história de amor", conta-nos. Só a adopção da filha é comparável a tal sensação. Esta estação tem uma alma e codifica um segredo que ainda não foi revelado.

**JML - Como surgiu a ideia e quais os seus principais objectivos ao avançar com o projecto de inscrever a Declaração Universal dos Direitos do Homem em espaços públicos, nomeadamente nos metropolitano de todo o Mundo?**

**FS -** No início eu interessava-me pela sociedade, pelos problemas humanos e um projecto nessa vertente seria bastante interessante. Então propus fazê-lo no metro de Paris e depois em Bruxelas, e lá instalei o texto dos Direitos do Homem.

Os objectivos eram de oferecer à população um texto que seria a Declaração, para ser decifrado, pouco a pouco, porque ela está inscrita de uma maneira que não tem espaços, vírgulas, nem pontuação. A dificuldade que as pessoas têm ao ler o texto, da forma como ele está inscrito, representa a dificuldade em se atingir a democracia. A democracia é uma coisa muito complicada. O Homem está a tentar há mais de 5.000, 7.000 anos conquistar essa ideia de fraternidade, de igualdade, de justiça, de que parte já existe, presentemente, mas que ainda temos um longo caminho a percorrer, para se atingir a democracia plena.

**JML - Actualmente, para além da nossa estação Parque, em que outros metros se encontra concretizada essa ideia?**

**FS -** Estação Concorde, em Paris (1989), Bruxelas (em 1992), Estocolmo (1998), Berlim (2000) e Rio de Janeiro. Concretizei também um projecto para a fachada frontal do Centro Cultural Haifa, em Israel (1994), em que a parede inteira apela à paz. Relacionada com a estação de Copacabana, fiz intervenção em sete favelas do Rio de Janeiro, dedicadas também a essa temática. Um conjunto de obras de arte urbanas, com a população desfavorecida da cidade.

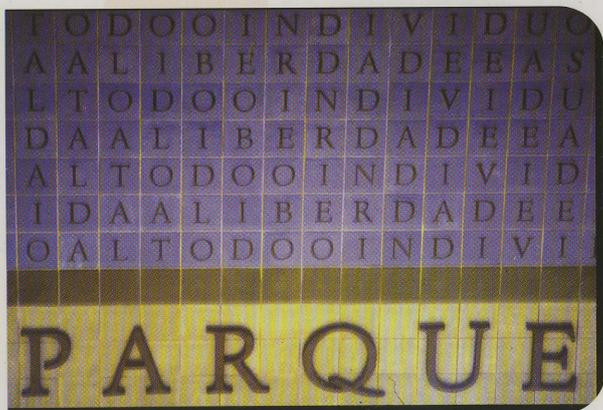
Estou agora a trabalhar uma estação em São Paulo. Mas o projecto ainda se encontra em fase inicial.

**JML - Do que é que nos fala, concretamente, a estação Parque? Ela transmite-nos um manancial de informação, de simbologias, de pensamentos, de encontros de inconscientes, de pensamentos e histórias, muito para além dos Direitos do Homem. Qual a relação dos Descobrimientos Portugueses aos Direitos Fundamentais do Homem?**

**FS -** Depois de ter feito a estação em Paris e, posteriormente a de Bruxelas, propus a minha obra ao Metropolitano de Lisboa, ao então Presidente Eng. Consiglieri Pedroso, que imediatamente concordou com o meu projecto de inscrever os Direitos Humanos numa estação do ML, relacionando-os com a história do próprio país. A minha intervenção plástica na estação Parque foi terminada em 1994.

O objectivo é construir sempre uma relação entre a história de cada país com os Direitos Fundamentais do

Homem. E isso exige uma dupla leitura, retroceder às origens históricas para se atingir a Democracia, porque cada país, cada sociedade, só consegue atingir um nível de democracia de acordo com a sua história e tradição cultural. Os Descobrimientos Portugueses são a cultura lusitana e deram origem a que Portugal seja como hoje é.



Em Paris inseri a história da coroa depois da Revolução Francesa. Em Bruxelas, a história da Bélgica e, em Portugal a Democracia só surge após os Descobrimientos, a escravidão, a implantação da República, o estado novo, o fascismo, etc.. A Declaração Fundamental dos Direitos do Homem leva-nos à Democracia, ou seja, só quando um determinado país atingir a Democracia é que está a aplicar os Direitos do Homem, na sua plena concepção. E, cada país apresenta diferentes estádios de Democracia.

Mas a história portuguesa era tão vasta que senti que tinha o dever de transmitir aos visitantes da estação Parque uma experiência através da aventura da descoberta, da descodificação da linguagem utilizada, dos mitos, do legível e do ilegível, da procura de si mesmo, do consciente e do subconsciente, de viagens ilimitadas do pensamento. Só assim o Homem está apto a compreender a sua história, e a do mundo. Uma viagem ao passado para compreender o presente que deverá fazer sentir milhares de dinamismos no interior das pessoas.

**JML – Teve dificuldade em transpor toda essa temática para azulejo? O azulejo é o seu material preferido?**

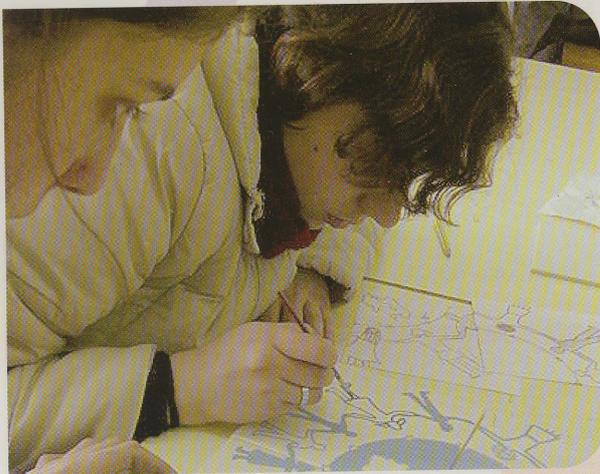
**FS** - Não, pelo contrário. O azulejo, é um material óptimo, genial. Eu adoro o azulejo. Dadas as suas dimensões é a minha matéria prima de eleição, porque se podem fazer os painéis dos tamanhos que se pretender. Depois, o facto de trabalhar o azulejo foi uma oportunidade de poder contactar e conhecer diversos artistas. Trabalhar em azulejo envolve um ciclo bastante grande de pessoas ligadas a essa arte. E tudo isso me permitiu misturar e utilizar diversas técnicas tradicionais com outras mais modernas, a fotografia, a pintura, a serigrafia, a mão, etc.. Aprendi muito na Viúva Lamego e aqui vai o meu sincero agradecimento tanto para o Metropolitano de Lisboa como para essa fábrica que me proporcionou grandes momentos de aprendizagem na utilização desse material que nunca tinha utilizado nos meus anteriores trabalhos. O azulejo, esta nova arte de trabalhar que me foi permitida conhecer em



Portugal, originou em mim uma sensação de renascimento, algo de novo que entrou na minha vida e de que dificilmente me esquecerei, tal como ter aprendido a falar português. Foi absolutamente genial, fantástico. A isso, só tem comparação a adopção da minha filha, que também fala português, apesar de ser brasileira.

**JML – Sei que está, paralelamente, a desenvolver uma série de projectos todos relacionados com os Direitos do Homem. Fale-nos um pouco de cada um deles.**

**FS** - Os Direitos Humanos não devem ser somente uma teoria, mas sim uma prática de vida. "Transformar os Direitos Humanos em Movimentos de Vida" é um projecto desenvolvido no Rio de Janeiro com as pessoas das favelas. Quando eu adoptei a minha filha, no Brasil, eu conheci o mundo das favelas. Trata-se de uma causa social em que é urgente intervir e ajudar. Desenvolvo diversos projectos com eles. As pessoas são convidadas a participar na produção de trabalhos sobre a temática dos Direitos Humanos e, com a ajuda de diversos apoios, nomeadamente da Prefeitura, trabalhamos num atelier no centro do Rio de Janeiro, na zona portuária. Centenas de pessoas reúnem-se para produzir trabalhos artísticos para as suas comunidades, como a reprodução de diversos painéis e projectos já realizados na Europa. E atenção, porque o material utilizado é o azulejo. Trata-se de populações das favelas, portanto, economicamente desfavorecidas, logo são bastante receptivas e, ao colaborarem na construção de um projecto comum sob essa temática, vão tendo conhecimento, em simultâneo, dos seus direitos e isso



vai constituindo um incentivo, porque lhes damos a possibilidade de aprenderem um ofício, continuarem a praticar e a produzir as obras que realizam para depois as venderem e conseguirem, assim, melhorar as suas

condições de vida.

Outro projecto em curso é "Inscrever a Europa nos muros da Cidade", em colaboração com o Centro de Informação Europeia Jacques Delors (CIEJD). Está a ser desenvolvido em conjunto com diversas escolas portuguesas, Câmaras Municipais, e outras instituições, onde os estudantes fazem ilustrações, também em azulejo, para os 50 artigos da "Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia" que são oferecidas à sua cidade.

Os "Direitos Fundamentais da União Europeia" integram todos os Direitos Humanos mencionados na Declaração Universal dos Direitos do Homem", de 1948 e incluem outros que não existiam nessa altura. A "Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia" é, conseqüentemente, de maior importância e mais completa, adaptada à actualidade. No decurso das actividades desenvolvidas pelos jovens no âmbito deste projecto, todos eles têm oportunidade de se sentirem verdadeiros actores na construção dos direitos e da cidadania europeia. Os jovens gostam de pintar, e é a pintar que eles vão integrando as noções fundamentais aprendendo e interiorizando os valores e direitos humanos através da produção de obras artísticas.

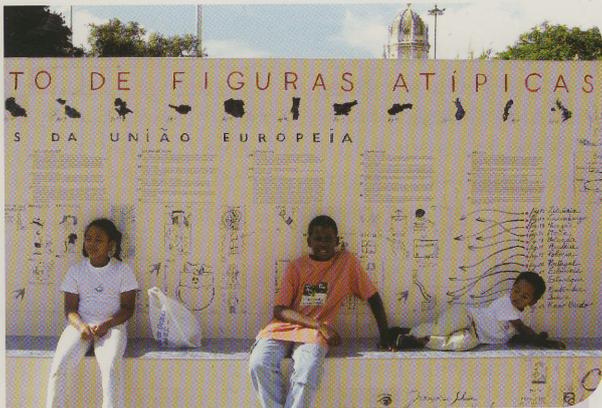
Os valores comuns aos povos europeus, o princípio da igualdade entre os Estados e os Direitos Fundamentais da União Europeia, são os temas alvo de debate, reflexão e pintura por parte desses jovens.

Este projecto já se estendeu também a outras localidades de Portugal, Paris e estão a ser preparadas algumas obras para Barcelona.

**JML – Associação "Inscrire". Fale-nos dela. Quais os seus principais objectivos e parcerias?**

**FS** - Foi uma associação criada por mim, formalmente em 1997, tendo em vista a angariação de fundos, recursos e parceiros estratégicos. Integra artistas plásticos, arquitectos filósofos e voluntários e também tem como principal finalidade o desenvolvimento de obras sobre os Direitos Humanos. É através desta associação que conseguimos levar a cabo o projecto das favelas proporcionando-lhes um modo de vida para eles se integrarem na sociedade e aumentarem a sua capacidade de cidadania. Trabalhar, ganhar dinheiro, conhecer outros lugares e outras culturas, mesmo que só através de obras de arte, abrir-lhes novos horizontes para aumentarem o seu saber e a sua qualidade de vida, inseri-los na sociedade como pessoas válidas e capazes de manterem uma autonomia financeira.

O azulejo é também aqui utilizado como material de difusão dos Direitos Humanos e, desde 2003, que este trabalho foi retomado por mulheres que criaram a Azulejaria com o qual desenvolvem as suas próprias obras, de forma independente, permitindo-lhes também uma forma de subsistência.



O projecto "Inscriver a Europa nos muros da Cidade" também só é possível graças à parceria entre o CIEJD e a Inscire no âmbito do projecto artístico urbano em azulejos sobre a cidadania europeia.

**JML – Tem conseguido parceiros estratégicos para financiamento dos seus projectos?**

**FS** - Todos os projectos têm custos e de cada vez que tento desenvolver um novo projecto é mais uma batalha, é mais uma complicação, é mais uma aventura. Agora, por exemplo, neste preciso instante, estou na Normandia a iniciar outro novo projecto. Tento angariar fundos com as organizações regionais e locais.

**JML – O Metropolitano de Lisboa tem a honra de ser Patrocinador exclusivo da sua exposição que vai decorrer no Museu do Azulejo entre Março e Junho do corrente ano. Qual a temática dessa exposição e qual a sua ligação ao Metropolitano de Lisboa?**

**FS** - Vão estar expostos cerca de 50 desenhos originais em pastel, todos os cadernos de pesquisa, estudos, esquemas e um painel de azulejos que constituíram os projectos para a estação Parque. Foi uma colecção que sempre ficou em minha posse e que recentemente doei ao Museu do Azulejo, passando agora a constituir espólio do Museu e, conseqüentemente, da cidade de Lisboa. A estação Parque foi a terceira estação que eu fiz no âmbito do meu projecto de transpor a "Declaração dos Direitos Universais" em vários locais do mundo. Mas foi um trabalho muito especial e muito diferente dos outros porque

foi com esta estação, e em Portugal, que eu conheci a técnica do azulejo que mudou completamente a minha vida, proporcionando uma completa liberdade de pintura e de concepção de espaços para as minhas intervenções artísticas.

A exposição vai contar também com um vídeo, muito especial, que tentará explicar todas as emoções por mim vivenciadas que deram origem ao tipo de intervenção plástica da estação Parque.

A concepção plástica desta estação foi um projecto muito especial, que gerou em mim emoções muito fortes e que ninguém sabe, mas que irão ser reveladas nesse vídeo. Todos os sentidos aquando da sua idealização e concepção gerados em mim, foram transpostos, metafisicamente falando, para a própria estação. Ela tem uma alma e desperta em mim uma enorme carga sentimental. Mas não vou revelar nada agora!

**JML - Não nos quer levantar só a "pontinha do véu"?**

**FS** - A estação Parque tem um segredo que nunca foi contado a ninguém e que só agora, passados estes treze anos, é que vai ser desvendado, nesse vídeo de cerca de 10 minutos que estará patente na exposição. A estação também conta uma história de amor. Uma real e verdadeira história de amor, entre homem e mulher. E se alguém conseguir ler bem, nos milhares de informações e códigos que lá estão inscritos, estará apto a decifrar quem são os intervenientes dessa bela história.

**Até lá, aqui fica o repto. Tentem decodificar e descobrir o segredo da estação Parque.**



**FICHA TÉCNICA**

**Propriedade** Metropolitano de Lisboa, EP  
 Av. Barbosa du Bocage, 5, 1049-039 LISBOA  
**Tel.** 217 980 600 **Fax** 217 980 605  
**e-mail** relacoes.publicas@metrolisboa.pt  
**Director** Mendes Mourão  
**Editora Executiva** Helena Taborda  
**Editor Gráfico** PROS, Ida.

**Projecto Gráfico** PROS, Ida.  
**Fotografia** Raúl Abreu e Arnaldo Sousa  
**Colaboração Fotográfica** André Peres, Carla Santos, Cristina Augusto, Françoise Schein, Joaquim Peres, Jorge Roque, Judite Costa, Pedro Pereira, Rita Uva, RTP  
**Conselho Editorial** Ana Lopes, Anabela Conceição, André Peres, Carlos Meira, Cristina Augusto, Fátima Magro, Filipe Trigo, Francisco

Sécio, Helena Taborda, Joaquim Peres, Lina Simões, Nuno Gonçalves Pereira, Osvaldo Bagarrão, Pedro Pereira, Sandra Tavares, Silva Neves  
**Impressão** Gráfica da Amadora, Lda.  
**Tiragem** 3.000 exemplares  
**ISSN:** 1645-2682  
**Depósito Legal** n. 171819/01  
**Membro APCE** – Associação Portuguesa de Comunicação de Empresa

